

CRIATIVIDADE E EDUCAÇÃO

Inovação, Presente e Futuro

Arnaldo Silva-Junior
(Org.)



Criatividade e Educação

Inovação, Presente e Futuro

Arnaldo Silva-Junior
(Org.)



Nota 1: Esta obra foi elaborada de forma colaborativa, tornando-se uma coletânea. Os capítulos respeitam as normas técnicas e recomendações da ABNT. Alguns capítulos podem ser derivados de outros trabalhos e apresentações em eventos acadêmicos, todavia, os autores foram instruídos ao cuidado com o autoplágio. A responsabilidade pelo conteúdo de cada capítulo é de competência dos/as respectivos/as autores/as, não representando, necessariamente, a opinião da editora, tampouco do organizador.

Nota 2: O organizador, autoras, autores e editora empenharam-se para fazer as citações e referências de forma adequada, dispondo-se a possíveis acertos caso, inadvertidamente, alguma referência tenha sido omitida. Apesar dos melhores esforços de toda a equipe editorial, organizador e autores, é inevitável que surjam erros no texto. Deste modo, as comunicações das leitoras e leitores sobre correções são bem-vindas, assim como sugestões referentes ao conteúdo que auxiliem edições futuras.

© **COPYRIGHT DIREITOS RESERVADOS.** A V&V Editora detém direito autoral sobre o projeto gráfico e editorial desta obra. Organizador e autores detêm os direitos autorais de publicação do texto na íntegra. O trabalho Criatividade e Educação: Inovação, Presente e Futuro, organizado por Arnaldo Silva-Junior também está licenciado com uma Licença de Atribuição Creative Commons – Atribuição 4.0 Internacional, permitindo seu compartilhamento integral ou em partes, sem alterações e de forma gratuita, desde que seja citada a fonte.



Impresso no Brasil
Printed in Brazil

Criatividade e Educação

Inovação, Presente e Futuro

Arnaldo Silva-Junior
(Org.)

V&V Editora

Diadema - SP

2022

Conselho Editorial

Profa. Dra. Marilena Rosalen	Prof. Dr. Ivan Fortunato
Profa. Dra. Angela Martins Baeder	Prof. Dr. José Guilherme Franchi
Profa. Dra. Eunice Nunes	Prof. Dr. Luiz Afonso V. Figueiredo
Profa. Dra. Luciana A. Farias	Prof. Dr. Flávio José M. Gonçalves
Profa. Dra. Maria Célia S. Gonçalves	Prof. Dr. Giovano Candiani
Profa. Dra. Rita C. Borges M. Amaral	Prof. Me. Arnaldo Silva Junior
Profa. Dra. Silvana Pasetto	Prof. Me. Pedro L. Castrillo Yagüe
Profa. Ma. Beatriz Milz	Prof. Me. Everton Viesba-Garcia
Profa. Ma. Marta Angela Marcondes	Profa. Ma. Letícia Moreira Viesba
Profa. Ma. Erika Brunelli	Profa. Ma. Sarah Arruda

Expediente

Coordenação Editorial: Everton Viesba-Garcia
Coordenação de Área: Marilena Rosalen

Organização

Organização: Arnaldo Silva-Junior

Parecer e revisão por pares

Os textos que compõem esta obra foram submetidos para avaliação da Coordenação e/ou Conselho Editorial da V&V Editora, sendo aprovados na revisão por pares para publicação.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

C928 Criatividade e Educação: Inovação, Presente e Futuro/ Arnaldo Silva-Junior (organizador) – Diadema: V&V Editora, 2022.
220 p. : 14 x 21 cm

Inclui bibliografia
ISBN 978-65-88471-55-5
DOI 10.47247/ASJ/88471.55.5

1. Educação – Ensaios. I. Silva-Junior, Arnaldo.

CDD 370

Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422

V&V Editora

Diadema, São Paulo – Brasil
Tel./Whatsapp: (11) 94019-0635 E-mail: contato@vveditora.com
vveditora.com

Sumário

Prefácio	7
Arnaldo Silva-Junior	
Uma Introdução à Neuropsicologia da Criatividade	10
Luiz Henrique Santana e Antônio de Pádua Serafim	
A história e os super heróis.....	25
Luana Alves Soares	
A utilização de software de planilha no processo de análise e construção de gráficos.....	34
Daniel Medeiros	
Cristiane Marques de Oliveira	
Parceria professor-aluno na implantação do ensino remoto emergencial de Ciência de Alimentos e pistas para inovação no ensino presencial: avaliação das estratégias pedagógicas pelos atores envolvidos e considerações de especialistas externos	47
Vanessa Dias Capriles	
Veridiana Vera de Rosso	
Ensino de geografia utilizando imagens de drones - estudo de caso: processos erosivos	67
Jairo Rodrigues Silva	
Cecília Felix Andrade Silva	
Giulia Santos Oliveira	
Shelmmer Pietro dos Santos Souza	
Um pouco além do museu on-line: um ensaio reflexivo sobre a exposição virtual “Biodiversidade: Conhecer para Preservar” do Museu de Zoologia/USP	77
Erico Fernando Lopes Pereira-Silva	
Patrícia Cristina da Cruz Sá	
Daniella Quintella do Espírito Santo	
Contextos investigativos e experimentação com crianças bem pequenas.....	98
Evelyn Sena da Silva	
Gabriela Sena	

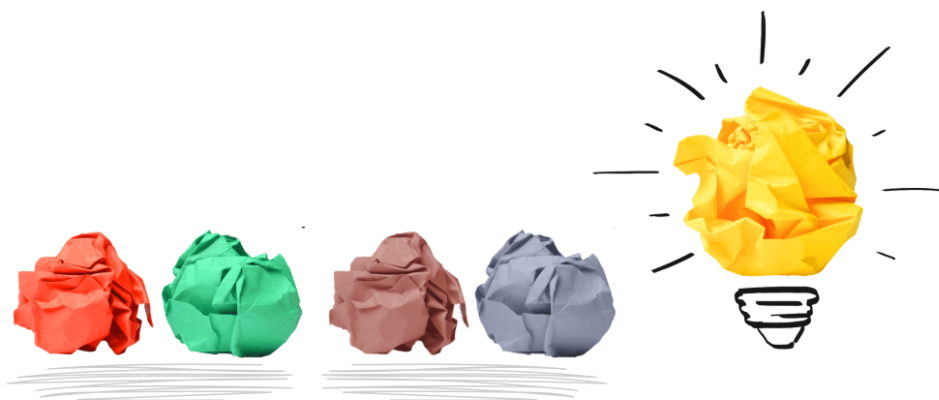
Desafios de ser Mediadora Socioeducativa – experiências e vivências de educação intercultural	107
Cristiana Madureira	
Movimente a criatividade: aproximações entre neurociências, ciências do exercício e da educação para uma prática baseada em evidências	123
Adriene Damasceno Seabra	
Victor Oliveira da Costa	
Ellen Rose Leandro Ponce Leão	
Natáli Valim Oliver Bento-Torres	
João Bento-Torres	
O Jogo e a Brincadeira: estratégias prazerosas na educação	136
José Nunes da Silva Filho	
As possibilidades e os desafios no contexto das TDICS na educação	154
Maiby Gisele Wagner	
Rosivane Sousa Pereira	
Covid-19 e a educação brasileira: um cenário extremamente desigual	167
Luiz Felipe Barros Pedro	
Vinicius Teixeira do Nascimento	
Resgatando a criatividade com a prática do Yoga	183
Mariana Paz M. de Souza	
Lenguaje narrativo para favorecer el desarrollo profesional docente: dos experiencias chilenas	194
Luis Felipe de la Vega	
Sobre o organizador	207
Sobre as autoras e os autores.....	208
Ficha técnica	218

Desafios de ser Mediadora Socioeducativa – experiências e vivências de educação intercultural

Cristiana Madureira



10.47247/ASJ/88471.55.5.10



💡 Nota introdutória: recuando a janeiro de 2016

Janeiro de 2016 foi uma data importante no meu desenvolvimento profissional, uma vez que iniciei funções como mediadora socioeducativa num Agrupamento de Escolas situado em Chaves, em Trás-os-Montes, no interior norte de Portugal. Até à data, tinha exercido funções durante dezesseis anos exclusivamente como docente do ensino superior e, por conseguinte, era conhecedora de teorias sobre a mediação socioeducativa e intercultural e esta experiência neste território educativo, iria certamente constituir uma magna oportunidade para aliar as teorias à *práxis*. Esta experiência desenvolveu-se durante 6 anos e iniciou com uma resposta a uma fragilidade da escola em promover a consolidação de uma cultura de convivência pacífica, centrada no diálogo intercultural e no bem-estar entre toda a comunidade educativa, promovendo, desta forma, condições para uma melhoria das aprendizagens dos alunos e consequentemente do sucesso escolar e realização de todos os agentes educativos implicados. Neste sentido, foi desenhado um plano para a criação de uma estrutura na escola que fosse o elo de ligação entre os projetos e atividades desenvolvidas em prol da interculturalidade e da inclusão no sentido da (trans)formação da comunidade. Para dar resposta a essa necessidade, criou-se o Gabinete de Mediação, num espaço próprio, com uma equipa multidisciplinar e participativa, envolvendo uma mediadora socioeducativa, professores, alunos mediadores, assistentes operacionais e pais/encarregados de educação.

A mediação socioeducativa implica a participação de todos os agentes educativos na co-construção e na consolidação de uma cultura de convivência pacífica.

💡 Cruzando olhares e conceções de educação intercultural

Em Portugal, em 1986 com a Lei de Bases do Sistema Educativo (Lei n.º 46/86, de 14 de outubro, e alterações), dá-se um passo importante na construção de uma escola democrática e pluralista, contribuindo “para o desenvolvimento pleno e harmonioso da personalidade dos indivíduos, bem como de um espírito democrático e pluralista, respeitador dos outros e das suas ideias, aberto ao diálogo e à livre troca de opiniões” (art.º 2.º, n.º 4 e 5),



“devendo assegurar o direito à diferença e a valorização dos diferentes saberes e culturas” (art.º 3.º, alínea d).

Neste sentido, e inspiradas na conceção de interculturalidade de Giménez-Romero (2010) defende-se que uma escola intercultural é aquela que integra na sua cultura organizacional, no seu currículo e nas suas práticas e atividades não apenas o diferente, mas também o comum. Estas partilhas são geradoras de igualdade, de liberdade e de interação positiva na relação entre sujeitos individuais ou coletivos, culturalmente distintos, com vista ao sucesso educativo de toda a comunidade.

Como refere Ouellet (1991), a educação Intercultural é um processo formativo que visa desenvolver a capacidade de comunicar entre pessoas de culturas diferentes e fomentar atitudes mais adaptadas ao contexto da diversidade cultural nas sociedades modernas, promovendo uma maior capacidade de participar na interação social, criadora de identidades e de sentido de pertença comum à humanidade. O objetivo da educação intercultural centra-se assim, no desenvolvimento das capacidades de interação e de comunicação num mundo em mudança, respeitando as identidades, as vivências, as crenças, os contextos e as experiências de todos e de cada um dos agentes educativos implicados.

A educação intercultural constitui um instrumento de suporte à aprendizagem democrática, criando deliberadamente situações de intercâmbio, de influência mútua, e de fertilização cultural cruzada, permitindo assim aprender e beneficiar da relação com o outro (Council of Europe, 2012).

A Declaração sobre a promoção da cidadania e dos valores comuns de liberdade, de tolerância e da não discriminação, traduz o compromisso dos países da Europa em garantir a salvaguarda e a passagem dos valores humanísticos e cívicos de geração em geração, a nível local, nacional, regional e europeu, levando, através da educação, a sociedades mais inclusivas (Council of Europe, 2015). Neste sentido, o objetivo primeiro da educação não consiste apenas em desenvolver conhecimento, competências e atitudes, integrando valores fundamentais, mas, igualmente, ajudar os jovens – em estreita cooperação com pais e famílias - a serem mais ativos, responsáveis e membros da sociedade de mente aberta. Afirmar ainda que as crianças e jovens representam o futuro e devem ter oportunidade de moldar esse futuro, sendo necessário para tal a congregação de esforços para



prevenir e para combater a marginalização, a intolerância, o racismo e a radicalização, preservando a moldura da igualdade de oportunidades para todos.

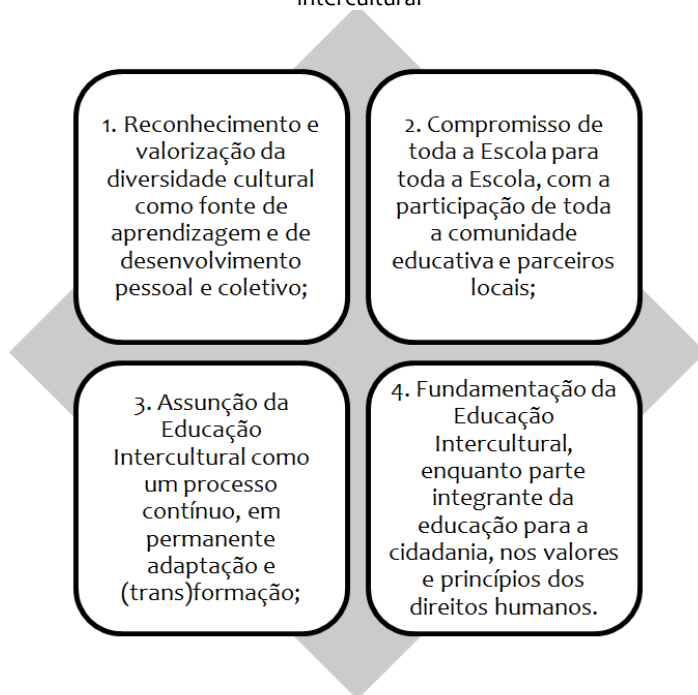
💡 Dos princípios às práticas de educação intercultural

Decorrente da criação do Gabinete de Mediação e do desenvolvimento de um projeto de mediação sociopedagógica e intercultural, este Agrupamento de Escolas foi reconhecido, em 2018, com o selo de escola intercultural pela Direção-Geral da Educação, o Alto Comissariado para a Imigração e o Diálogo Intercultural, que visa distinguir as Escolas que se destacam no desenvolvimento de projetos que promovem o reconhecimento e a valorização da diversidade como uma oportunidade e fonte de aprendizagem para todos. Em 2020, este Agrupamento de Escolas foi convidado a integrar a Rede de Escolas para a Educação Intercultural (REEI) que constitui um programa de estabelecimentos de educação e ensino, público e particular portugueses comprometidos com os princípios e valores da educação intercultural, com a valorização da diversidade e com o sucesso escolar de todas as crianças e jovens do pré-escolar ao ensino secundário. A REEI é uma iniciativa do Alto Comissariado para as Migrações, promovida conjuntamente com a Direção-Geral da Educação do Ministério da Educação e Ciência e a Fundação Aga Khan Portugal.

Como coordenadora do Gabinete de Mediação e mediadora socioeducativa fui convidada a coordenar esta rede no Agrupamento de Escolas em apreço, procurando assim que o espaço escolar constituísse “um lugar de hospitalidade onde todos possam aperfeiçoar a sua humanidade, enquanto ser de ação e de relação” (Bonifácio e Madureira 2019, p. 103). Deste modo criou-se pelo que se criou uma comunidade prática em educação intercultural alicerçada em quatro grandes princípios, que se apresentam de seguida:



Imagem 1 – Princípios subjacente à comunidade prática em educação intercultural



Fonte: elaboração da autora.

Numa análise aos princípios enunciados acima, constata-se que a escola intercultural constitui um espaço de articulação entre a teoria e a prática, na consecução de um projeto educativo próprio, de interdependência entre as dimensões espacial, organizacional e relacional. A escola constitui um microcosmos da sociedade (Vieira e Vieira, 2007) e é um lugar de encontros de diferentes pessoas, de diferentes culturas, de diferentes pontos de vista, de vários saberes (Vieira, 1992).

Destes lugares de encontro, resultaram vivências e experiências socioeducativas e interculturais muito (trans)formadoras. Tal como aconteceu com cada um de nós, também a escola, enquanto organização educativa aprendente, foi-se (re)construindo diariamente, sabendo o que queria e para onde ia. Em comunidade, foram co-construídos materiais pedagógicos, bem como outros materiais promotores de uma cultura de convivência pacífica. Foi



sempre fomentada a participação de alunos, de docentes, de não docentes e de encarregados de educação neste projeto que se enquadrava no pressuposto de ser desenvolvido numa “escola de todos e para todos”. Exercemos práticas pedagógicas, sociais e educativas mediadoras, favorecendo a comunicação entre a escola e a comunidade, pois partilhamos da ideia de que é necessário pensar não apenas no aluno, mas na pessoa do aluno (Vieira, 2010), estabelecendo pontes entre a escola e a família, num trabalho de mediação essencialmente sociopedagógica.

Nesta escola de todos e para todos, pressupõe-se:

“(…) a construção de culturas escolares que operem como comunidades mútuas de alunos, envolvidos conjuntamente na resolução de problemas, na contribuição de todos para o processo de educação mútua. (...) não só um espaço de instrução, mas um foco de identidade e de trabalho recíproco. (...) Em tais culturas escolares ser inaptamente bom em algo implica, entre outras coisas, ajudar os outros a serem melhores nisso” (Bruner, 2000, p. 115).

💡 Aprender a ser mediadora socioeducativa numa escola intercultural

No exercício de funções como mediadora socioeducativa aprendi a ser e tornei-me mediadora intercultural, no quotidiano da escola, todos os dias, desenvolvendo a pedagogia da convivência através do estabelecimento de laços na e em comunidade.

Procurou-se desenvolver uma educação intercultural centrada no pilar da comunidade, pois como refere Peres: “a educação intercultural não pode circunscrever-se aos limites da própria escola” (1999, p. 73).

Foram-se desenvolvendo práticas sociopedagógicas e educativas que permitissem dar valor à vida humana e dignidade a todas as pessoas, fomentando aquilo a que Jares (2004) designou de cultura da não violência, da paz e da solidariedade. Aprendi e apreendi a complexidade dos diferentes pontos de vista em presença dos outros, contribuindo para a sua (trans)formação, na mesma medida em que me (trans)formava com eles.

Acredito que um mediador socioeducativo é aquele que valoriza as semelhanças que nos unem, em detrimento das diferenças



que nos separam. É aquele que se inspira em Sócrates que referia que “não sou ateniense nem grego, sou um cidadão do mundo”.

Um mediador socioeducativo no contexto de uma escola intercultural assenta assim a sua prática nos princípios da democracia, da participação, da cidadania, da valorização da diversidade e da inclusão social. Aprendi que um mediador é aquele que procura desenvolver nos outros e em si mesmo, diariamente e ao longo da vida, as seguintes competências enquadradas nos pilares da educação definidos pela UNESCO (Delors, 1996): **Aprender a conhecer, aprender a fazer, aprender a viver juntos e finalmente aprender a ser.**

Aprender a conhecer ✈

A formação académica na área das Ciências da Educação/Educação e Pedagogia Social constituiu uma oportunidade de conhecer e problematizar teorias e modelos pedagógicos que permitam desenvolver projetos de intervenção socioeducativa inclusivos e interculturais. Essas teorias permitiram-me, na prática, enquanto mediadora socioeducativa assumir cada vez mais uma postura multi/intercultural, valorizadora das diferenças e do diálogo intercultural, em detrimento de uma postura monocultural.

Esta visão de sociedade e de escola está plasmada no projeto educativo deste Agrupamento de Escolas e que referimos anteriormente como sendo “uma escola de todos e para todos”.

Aprender a fazer ✈

Desenvolvendo metodologias ativas de intervenção socioeducativa interligadas com a Estratégia Nacional de Educação para a Cidadania.

Tendo em conta que a escola, no seu todo, deve assentar as suas práticas quotidianas em valores e princípios de cidadania, de forma a criar um clima aberto e livre para a discussão ativa das decisões que afetam a vida de todos os membros da comunidade escolar (in Estratégia Nacional de Educação para a Cidadania), considero que um mediador intercultural é aquele que procura desenvolver metodologias ativas, de intervenção direta de alunos mediadores e alunos mediados e a participação inter cruzada dos diferentes agentes educativos no empoderamento de atitudes, de



valores, em reforço dos direitos e deveres de cada um e em defesa do exercício de uma cidadania democrática.

O mediador intercultural é aquele que valoriza o potencial de todos e de cada um dos agentes educativos, dando a conhecer os seus talentos individuais. Através do desenvolvimento de metodologias ativas de intervenção social, procura promover a reflexão, o auto-conhecimento e o diálogo intercultural, contribuindo assim para o desenvolvimento de soft skills para que saibam lidar com as incertezas e os desafios do mundo global.

Aprender a viver juntos 🦋

Aprofundando o relacionamento interpessoal, o desenvolvimento pessoal da autonomia, a promoção do bem-estar, levando a comunidade educativa a sentir-se bem na escola, demonstrando um compromisso com os valores constantes no projeto educativo, reforçando assim o desenvolvimento de uma cultura de pertença, de convivência pacífica e de identidade.

Em respeito dos princípios orientadores que dão sentido ao Perfil dos Alunos à saída da Escolaridade Obrigatória, um mediador intercultural em contexto escolar valoriza uma visão humanista e holística de todos os agentes educativos, tendo em conta pressupostos inclusivos, interculturais e integradores, que favorecem uma visão colaborativa da comunidade na mobilização de competências em adequação às exigências e aos contextos da sociedade atual, em valorização de uma consciência da sustentabilidade.

Aprender a ser/estar 🦋

Estreitando os laços entre a escola-família-comunidade, promovendo o envolvimento da comunidade e a valorização das especificidades e das realidades locais, trabalhando colaborativamente, através de uma equipa de mediação constituída por alunos, docentes, não docentes, técnicos especializados, pais/EE.

O mediador é aquele que, numa sociedade em rede (Castells, 2001) põe em comum os diferentes agentes educativos e os parceiros, apelando ao diálogo intercultural e ao trabalho cooperativo e colaborativo em equipas multidisciplinares.



Um mediador intercultural é aquele que no contexto socioeducativo, fazer a diferença em e na comunidade, desenvolvendo uma relação dialógica com crianças e jovens e respectivas famílias, muitas em situação de vulnerabilidade social, de modo a que reconstruam os seus projetos de vida, promovendo desta forma práticas educativas de inclusão social. Estas práticas têm como objetivo “(...) estimular uma comunicação assertiva; desenvolver, nos membros da comunidade educativa, competências que preparem para as mudanças, bem como uma percepção e vivência mais positivas da escola por parte de todos; incentivar a participação dos alunos em projetos e iniciativas da escola e da comunidade” (Madureira, 2020, p. 32). Estas práticas exigem, segundo Isabel Baptista (2001), profissionais com uma sólida preparação técnico-científica, espírito de entrega, envolvimento pessoal e capacidade de compromisso. Deste modo, na linha da autora suprarreferida, estes profissionais da área da educação social podem ser considerados “agentes de mudança”, uma vez que não lidam com problemas ou com disfunções, mas com pessoas, acompanhando-as no processo de apropriação crítica das suas histórias de vida, convocando-as para o exercício pleno da sua cidadania e ajudando a despertar nelas o desejo de futuro.

💡 Propostas de ação na co-construção de uma escola intercultural

A integração na comunidade de prática da REEL permitiu-me delinear uma proposta de ação, enquanto mediadora intercultural, ajustando os termos de referência (2020) ao contexto concreto da prática de mediação socioeducativa que me encontrava a desenvolver.

Estamos perante uma mudança paradigmática da instituição escolar, em que a escola deixa de ser “a escola-muro ou escola-ilha”, para se tornar numa “escola-comunidade” (Silva e Coelho, 2010), centrada num modelo de mediação valorizador do modelo transformativo (Torremorel, 2008).



Quadro 1 – Quadro de ação na construção de uma escola intercultural.

Aprender a conhecer / Aprender a fazer Aprender a viver juntos / Aprender a ser			
Fundamentos	Pilares	Áreas de intervenção	Objetivos
Uma escola com atitudes, práticas e competências interculturais	Cultura organizacional	Implementar uma estratégia de envolvimento de todos os intervenientes na Escola	<ul style="list-style-type: none"> > Sensibilizar a comunidade educativa para a interculturalidade > Mapear a diversidade cultural e linguística dos profissionais, crianças e jovens da Escola > Formar/capacitar a comunidade educativa
Uma escola inclusiva e reflexiva, que valoriza a diversidade da comunidade educativa como recurso de aprendizagem	Curriculo	Metodologias que valorizem a diversidade existente Promover o intercâmbio entre culturas	<ul style="list-style-type: none"> > Conhecer e mobilizar a comunidade escolar > Mapear a diversidade cultural e linguística das crianças ou jovens de cada grupo turma > Sensibilizar os professores para o desenvolvimento de práticas pedagógicas que promovam o respeito pela diversidade humana e cultural > Reconhecer a diversidade como plataforma de aprendizagem e de desenvolvimento de competências pelos alunos
Uma escola participativa que, em cooperação, enriquece e é enriquecida em comunidade	Comunidade	Participação da família na Escola	<ul style="list-style-type: none"> > Conhecer e mobilizar a comunidade de mães, pais, encarregados/as de educação (EE), famílias e recursos locais. > Mapear a diversidade cultural e linguística de mães, pais, famílias e instituições no território, de saberes e saber fazer na comunidade e famílias e dos recursos locais

(Adaptado de Alto Comissariado para as Migrações; Direção-Geral da Educação & Fundação Aga Khan Portugal, 2020, p. 6).



💡 Proposta de atividades desenvolvidas nas sessões formativas de mediação intercultural

Destacam-se, nesta parte do capítulo, duas das atividades construídas para as sessões formativas de mediação intercultural desenvolvidas com a comunidade educativa, nomeadamente com docentes, não docentes, alunos e pais/encarregados de educação, com o objetivo de se promover a participação, a convivência em e na comunidade.

A primeira sessão de formação inicia com o diálogo e o encontro com os “outros” de modo a que todos se possam conhecer melhor, através do recurso a uma atividade de apresentação que a autora intitulou “Mãos que se entrelaçam, no exercício da pedagogia da convivência”. Para estreitar os laços entre os agentes educativos, no início das sessões formativas, dá-se uma mão, em papel de diferentes cores, valorizando assim a diferença e a multi/interculturalidade e lançando-lhes cinco questões para reflexão e registo, de modo a que se conheçam melhor uns aos outros:

1 – Algo sobre mim...

2 – Ser mediador é...

3 - Qual pode ser o meu papel na construção de uma escola mais intercultural e inclusiva...

4 – Se tivesse um “superpoder” numa escola intercultural faria...

5 - Algo que gostava de aprender...

Na palma da mão, pede-se para que escrevam um talento, de modo a valorizar-se o potencial de todos e de cada um dos participantes.

Imagem 2 - Atividade de Apresentação – Mãos que se entrelaçam, no exercício da pedagogia da convivência



Fonte: elaboração da autora



A segunda atividade que prende-se com uma atividade de reflexão (trans)formadora. As sessões de trabalho terminam com uma reflexão, uma vez que esta se reveste de uma importância fundamental na (trans)formação dos agentes educativos. Esta prática reflexiva constitui um momento em que cada participante seleciona o que de mais significativo ocorreu durante a sessão de trabalho, decidindo o que quer e pode partilhar com os outros, procurando formas corretas de o fazer e confrontando-se muitas vezes com as reações dos outros. Para o fazer os agentes educativos implicados são convidados a elaborar o que inicialmente não passa de uma vivência provocada e atribuir-lhe significado em função de experiências anteriores.

Para o melhor desenvolvimento de processos reflexivos, é importante que todos os participantes estejam dispostos em círculo, de modo a que todos se vejam, valorizando assim o contacto face a face, rosto a rosto, em que a diversidade de olhares, de formas de ser, estar, sentir e agir contribuem para a mestiçagem cultural. De modo a que esta reflexão possa contribuir para a formação e (trans)formação de todos e de cada um dos agentes educativos implicados, sugere-se que se desenvolva em 5 etapas:

1. Etapa vivencial – Solicita-se ao participante que reflita sobre a seguinte pergunta “Como foi?”, desenvolvendo uma abordagem descritiva que permita a cada um perceber como percecionou a atividade desenvolvida.
2. Etapa afetiva – parte-se da pergunta “Como se sentiram? Quais os aspetos de que mais gostaram? Para se centrar num relato de sentimentos e emoções implícitos à atividade proposta.
3. Etapa de avaliação do resultado – Através das questões “Ficaram satisfeitos com o resultado desta atividade? “Era o que estavam à espera?”, procura-se avaliar a leitura que os participantes fazem da atividade desenvolvida, compreender as expectativas criadas em termos de resultados e analisar o que os condicionou.
4. Etapa temática – Respondendo à pergunta “O que é que consideram que foi mais importante nesta atividade?”, os participantes poderão contextualizar a atividade dentro de grandes temas.



5. Etapa (trans)formativa – Com a resposta à pergunta “Em que medida esta atividade contribuiu para a sua (trans)formação?” procura-se contribuir para o conhecimento das (trans)formações ocorridas em todos os participantes e em nós enquanto dinamizadoras.

💡 Breves reflexões conclusivas

Com este capítulo procurou-se refletir sobre a importância da educação intercultural na medida em que permite “conquistar um mundo mais seguro, mais sadio, mais próspero e ambientalmente mais puro, que, ao mesmo tempo, favoreça o progresso social, econômico e cultural, a tolerância e a cooperação internacional” (UNESCO, 1990, p. 2). Para dar conta deste grande objetivo, foram partilhadas algumas experiências da autora, enquanto mediadora socioeducativa numa escola intercultural, procurando que os diferentes agentes da comunidade educativa se tornassem verdadeiramente humanos, uma vez que “(...) as escolas são, sem dúvida as oficinas da humanidade” (Comenius, 2006, p. 43). Destacou-se como se desenvolveu a pedagogia do laço e da convivência, essencial para que em comunidade se desenvolvesse o pilar do “aprender a viver juntos e com os outros”, sabendo que estes saberes não exigem apenas o conhecimento do contexto sociocultural dos alunos, mas também o conhecimento e as competências para nos relacionarmos com alteridade, valorizando as diferenças. São exemplos dessas competências e atitudes, a empatia, a capacidade de descentramento dos seus próprios valores, a tolerância, a ambiguidade, o autoconhecimento, a abertura emocional para se relacionar com os outros e a capacidade de ouvir e considerar perspectivas diferentes (Council of Europe, 2012).

No desenvolvimento da minha prática enquanto mediadora socioeducativa, senti-me, como refere Baptista (2000), uma profissional “de mãos vazias”, que me dava sem procurar nada em troca. No entanto, destaco que no desenvolvimento desta experiência e no exercício da pedagogia do laço e da convivência desenvolvi grandes aprendizagens que contribuíram para o meu crescimento e (trans)formação pessoal e profissional.

Na relação dialógica que desenvolvi com toda a comunidade educativa e, em particular, com as populações em risco, procurei contribuir para a redefinição dos seus projetos de vida. Estas



conquistas levam-me a concluir que de uma especialista de mão vazias, tornei-me numa especialista de coração cheio de afetos, acreditando que é possível em comunidade co-construirmos uma escola intercultural. É de salientar que, durante o desenvolvimento deste projeto de mediação, este Agrupamento de Escolas foi distinguido com os selos de “escola intercultural” e “escola amiga da criança” por valorizar na sua *práxis* o respeito pela liberdade, igualdade e diversidade e pelo trabalho em rede que desenvolvemos com instituições da sociedade civil, bem como na ligação com as famílias, de modo a fomentar uma vivência plena dos direitos humanos e das liberdades fundamentais num território educativo cada vez mais inclusivo e intercultural.

💡 Referências

ALTO COMISSARIADO PARA AS MIGRAÇÕES; DIREÇÃO-GERAL DA EDUCAÇÃO & FUNDAÇÃO AGA KHAN PORTUGAL. Rede de escolas para a educação intercultural - Termos de referência <https://www.acm.gov.pt/-/rede-de-escolas-para-a-educacao-intercultural-reei->, 2020.

BAPTISTA, Isabel. Educador Social - Especialistas de Mãos Vazias. A Página da Educação, Ano 9, nº 94. Setembro de 2000. <https://www.apagina.pt/?aba=7&cat=94&doc=8139&mid=2>

BAPTISTA, Isabel. Educação Social um Espaço profissional com valor e com sentido. Espaço (s) De Construção De Identidade Profissional. Porto: Universidade Portucalense, 2001.

BONIFÁCIO, Evangelina & MADUREIRA, Cristiana. “No trilho da equidade – uma história de vida de inclusão socioeducativa”, in Cristina Palmeirão e José Matias Alves (coords.) Da igualdade de oportunidades à equidade educativa – Caminhos de uma inclusão sucedida - ebook. Porto: Universidade Católica do Porto, pp. 84-106, 2019.

BRUNER, Jerome. Cultura da educação. Lisboa: Edições 70, 2000.

CASTELLS, Manuel. A sociedade em rede. Vol.1., 5. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2001.



COMENIUS, John Amos. Didáctica Magna. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

COUNCIL OF EUROPE. Intercultural competence for all - Preparation for living in a heterogeneous world, Council of Europe Pestalozzi Series, No. 2, Council of Europe Publishing, Council of Europe, June, 2012.

COUNCIL OF EUROPE. Declaration on Promoting Citizenship and the Common Values of Freedom, Tolerance and Non-Discrimination through Education. Informal Meeting of European Union Education Ministers, Paris, 17 March 2015.
http://ec.europa.eu/education/news/2015/documents/citizenship-education-declaration_en.pdf

ESTRATÉGIA NACIONAL DE EDUCAÇÃO PARA A CIDADANIA
<https://dge.mec.pt/estrategia-nacional-de-educacao-para-cidadania>

GIMÉNEZ-ROMERO, Carlos. Mediação Intercultural. Cadernos de Apoio à Formação. Vol. 4. Lisboa: ACIDI, 2010.

JARES, Xesus Rodriguez. Educar para la paz em tempos difíceis. Bilbao: Bakeaz, 2004.

QUELLET, Fernand. L'Éducation Interculturelle. Paris: L'Harmattan, 1991.

MADUREIRA, Cristiana. Educação intercultural dois agrupamentos de escolas duas boas práticas, in Equipa do projeto SintraES+ (Org.) *Estratégias para a promoção da inclusão intercultural*. Sintra: Município de Sintra, 2020. <https://www.docdroid.net/sypXHtf/sintra-esmais-guiainclusao-digital-pdf>

PERES, Américo Nunes. Educação inytercultural: utopia ou realidade?. Porto: Profedições, 1999.

PERFIL DOS ALUNOS À SAÍDA DA ESCOLARIDADE OBRIGATÓRIA- Despacho n.º 6478/2017, de 26 de julho.



SILVA, Pedro & COELHO, Conceição. Mediação Sociopedagógica na Escola. Educação, Justiça e Solidariedade na Construção da Paz. Leiria: APAP – CIID – IPL, 2010.

TORREMOREL, Maria. Cultura de mediação e Mudança Social. Porto: Porto Editora, 2008.

UNESCO. Declaração Mundial sobre Educação para Todos: Satisfação das Necessidades Básicas de Aprendizagem, Jomtien, 1990.

UNESCO. Declaração Universal sobre a Diversidade Cultural, 2002.

VIEIRA, Ricardo. Entre a escola e o lar. Lisboa: Escher, 1992.

VIEIRA, Ana & VIEIRA, Ricardo. (2007). Diversidade escolar e mediação e escolar. A Página da Educação. Ano 16, Fevereiro, 2007, <https://www.apagina.pt/?aba=7&cat=164&doc=12127&mid=2>

